



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA JOÃO PAULO II À POLÓNIA **HOMILIA DO SANTO PADRE**

NA MISSA PARA A CANONIZAÇÃO

DA BEATA KINGA *Stary Sacz, 16 de Junho de 19991. «Os Santos não passam. Os Santos vivem dos Santos e têm sede de santidade».* *Dilectos Irmãos e Irmãs!* Há quase trinta e três anos pronunciei estas palavras em Stary Sacz, durante as celebrações do Milénio. Fi-lo evocando uma circunstância particular. De facto, apesar do mau tempo, chegaram àquela cidade os habitantes da Terra de Sacz e dos arredores, e toda aquela grande assembleia do Povo de Deus, sob a presidência do Cardeal Primaz Stefan Wyszynski e do Bispo de Tarnów, D. Jerzy Ablewicz, rezava a Deus pela canonização da Beata Kinga. Como, então, deixar de repetir estas palavras no dia em que, por disposição da divina Providência, me é dado proceder à sua canonização, como há dois anos me foi concedido proclamar Santa a Rainha Edviges, Senhora de Wawel? Ambas chegaram a nós da Hungria, entraram na nossa história e permaneceram na memória da Nação. Assim como Edviges, também Kinga *resistiu à lei inexorável do tempo que tudo cancela*. Passaram-se os séculos, e o esplendor da sua santidade não só não se extingue, mas brilha ainda mais para as gerações que se sucedem. Não esqueceram esta filha do rei húngaro, a Princesa de Malopolska, Fundadora e Monja do convento de Sacz. E este dia da sua canonização é a prova mais magnífica disto. Louvado seja Deus nos seus Santos! 2. Antes de percorrer espiritualmente as vias da santidade da Princesa Kinga, para dar graças a Deus pela obra da sua graça, quero saudar todos aqueles que estão aqui reunidos e a inteira Igreja da bonita Terra de Tarnów, juntamente com D. Wiktor e os Bispos Auxiliares D. Wladyslaw e D. Jan, e o caro Bispo Emérito D. Piotr. Cumprimento os Prelados húngaros e o Primaz, Cardeal Laszlo Paskai, assim como o Presidente da República da Hungria, Senhor Arpad Göncz, e o seu séquito. Saúdo todos os sacerdotes, os religiosos, as religiosas e de modo particular as Irmãs Clarissas. Dirijo uma saudação cordial aos nossos anfitriões - os habitantes de Stary Sacz. Sei que esta cidade é famosa pelo seu apego a Santa Kinga. Toda a vossa cidade parece ser o seu santuário. Saúdo também Nowy Sacz, uma cidade que sempre me fascinou com a sua beleza e o seu bom funcionamento. Com o coração abraço a inteira comunidade diocesana, cada família, as pessoas sozinhas, todos os doentes e quem participa nesta liturgia por meio da rádio e da televisão. Esteja convosco toda a graça d'Aquele que é fonte e fim de toda nossa santidade! 3. *«Os Santos vivem dos Santos»*. Na primeira Leitura escutámos um anúncio profético: *«Uma luz brilhante iluminará também as regiões da terra. De longe, numerosos povos virão a ti, e habitantes de todos os extremos da terra virão visitar o nome do Senhor Deus» (Tb 13, 13)*. Estas palavras do Profeta referem-se antes de tudo a Jerusalém, a cidade marcada pela particular presença de Deus no seu templo. Contudo, sabemos que desde quando, mediante a morte e a ressurreição, «Cristo não entrou num santuário feito por mãos humanas, figura do verdadeiro santuário; Ele entrou no próprio céu, a fim de se apresentar agora diante de Deus em nosso favor» (Hb 9, 24), esta profecia cumpre-se sobre todos aqueles que seguem Cristo pela mesma via rumo ao Pai. Doravante, não mais a luz do templo de Jerusalém, mas *o esplendor de Cristo*, que ilumina as testemunhas da sua ressurreição, *atrai para o santo nome de Deus as numerosas nações e os habitantes de todos os*

confins da terra. Desde o seu nascimento, Santa Kinga experimentara de modo admirável esta salvífica *irradiação de santidade*. Com efeito, ela nasceu na família real húngara de Bela IV, da dinastia dos Arpádios. Esta estirpe real cultivava com enorme fervor a vida de fé e dela nasceram grandes santos. Dela provêm Santo Estêvão, o Padroeiro principal da Hungria, e seu filho Santo Emerico. Um lugar particular entre os santos da família dos Arpádios é ocupado pelas mulheres: Santa Ladislava, Santa Isabel da Turíngia, Santa Edviges da Silésia, Santa Inês de Praga e, enfim, as irmãs de Kinga - Santa Margarida e a Beata Iolanda. Não é óbvio que a luz da santidade da família conduziu Kinga ao santo nome de Deus? Podia permanecer sem algum vestígio na sua alma o exemplo dos santos pais, dos irmãos, das irmãs e dos parentes? A semente de santidade lançada no coração de Kinga na casa paterna encontrou na Polónia um terreno fértil onde se desenvolver. Quando, em 1239, chegou primeiro a Wojnicz e depois a Sandomierz, ela entreteceu um vínculo cordial com a mãe do seu futuro esposo, Grzymislaw, e com a sua filha Salomé. Ambas distinguiram-se por uma profunda religiosidade, por uma vida ascética e pelo amor à oração, pela leitura da Sagrada Escritura e das vidas dos santos. A sua companhia cordial, especialmente nos primeiros e difíceis anos da sua permanência na Polónia, teve uma grande influência sobre Kinga. O ideal da santidade amadureceu sempre mais no seu coração. Procurando modelos a imitar, que correspondessem à sua categoria, escolheu como especial padroeira a sua santa parente - a princesa Edviges da Silésia. Quis, outrossim, indicar à Polónia um santo que pudesse tornar-se, para todos os estados e regiões, um mestre de amor à Pátria e à Igreja. Por este motivo, juntamente com o Bispo de Cracóvia, Prandota de Bialaczew, empenhou-se com esforços intensos na canonização do mártir de Cracóvia, D. Estanislau de Szczepanów. Exerçeram, sem dúvida, uma grande influência na sua espiritualidade São Jacinto, seu contemporâneo, o Beato Sadok, a Beata Bronislaw, a Beata Salomé, a Beata Iolanda, irmã de Kinga, e todos aqueles que formaram um particular ambiente de fé na Cracóvia de então.⁴ Se hoje estamos a falar da santidade, do desejo e da obtenção da santidade, seria necessário perguntar-nos *como formar ambientes* que favoreçam a sua aspiração. O que fazer a fim de a família, a escola, o ambiente de trabalho, o escritório, as aldeias, as cidades e por fim o país inteiro se tornem uma morada de santos, que influenciem mediante a sua bondade, a fidelidade ao ensinamento de Cristo, o testemunho da vida quotidiana, alimentando o crescimento espiritual de cada homem? Santa Kinga e todos os Santos e Beatos do século XIII respondem: *é preciso o testemunho. É necessária a coragem*, para não esconder a própria fé. É preciso, enfim, que nos corações dos crentes exista aquele *desejo de santidade*, que forma não só a vida privada, mas influi sobre a sociedade inteira. Na *Carta às Famílias* escrevi que «através da família passa a história do homem, a história da salvação da humanidade. A família acha-se no centro do grande combate entre o bem e o mal, entre a vida e a morte, entre o amor e quanto a este se opõe. À família está confiado o dever de lutar sobretudo para libertar as forças do bem, cuja fonte se encontra em Cristo Redentor do homem. É preciso fazer com que tais forças sejam assumidas por cada núcleo familiar para que, como se disse por ocasião do milénio polaco do cristianismo, *a família seja fonte de Deus*» (n. 23). Hoje, baseando-me na experiência perene de Santa Kinga, repito estas palavras aqui, entre os habitantes da Terra de Slaogonek}cz, os quais durante os séculos, muitas vezes à custa de renúncias e de sacrifícios, deram provas de solicitude pela família e de grande amor pela vida familiar. Juntamente com a Padroeira desta terra, peço a todos os meus compatriotas: *que a família polaca mantenha a fé em Cristo! Perseverai com firmeza ao lado de Cristo, para que Ele permaneça em vós! Não permitais que nos vossos corações, nos corações dos pais e das mães, dos filhos e das filhas, se extinga a luz da santidade! O seu esplendor forme as futuras gerações, para a glória do nome de Deus! Tertio millennio adveniente. Irmãos e Irmãs, não tenhais medo de aspirar à santidade! Não temais ser santos!* Do século que está para terminar e do novo milénio fazei *uma era de homens santos!*⁵. «*Os Santos têm sede de santidade*». Esta sede foi viva no coração de Kinga. Com este desejo, ela meditava as palavras de São Paulo, que hoje escutámos: «Quanto às pessoas virgens, não tenho nenhum preceito do Senhor. Porém, como homem que pela misericórdia do Senhor é

digno de confiança, dou apenas um conselho: considero boa a condição das pessoas virgens, por causa das angústias presentes. Claro, é bom que o homem continue assim» (1 Cor 7, 25-26). Inspirada por essa indicação, ela quis consagrar-se a Deus de todo o coração, mediante o voto de virgindade. Por isso, quando em consideração das circunstâncias históricas teve de se casar com o príncipe Boleslau, convenceu-o à vida virginal para a glória de Deus e, depois de uma prova de dois anos, os esposos confiaram às mãos do Bispo Prandota o voto de castidade perpétua. Este modo de vida, hoje talvez difícil de ser compreendido, mas arraigado profundamente na tradição da Igreja primitiva, deu a Santa Kinga esta *liberdade interior*, graças à qual com toda a dedicação pôde preocupar-se, antes de tudo, das coisas do Senhor, levando uma profunda vida religiosa. Hoje relemos este grande testemunho. Santa Kinga ensina que tanto o *matrimónio como a virgindade vivida em união com Cristo podem tornar-se uma via de santidade*. Hoje, Santa Kinga põe-se como salvaguarda destes valores. Ela recorda que em nenhuma circunstância o valor do matrimónio, esta indissolúvel união de amor entre duas pessoas, *pode ser posto em dúvida*. Qualquer que seja a dificuldade, não se pode renunciar à defesa deste amor original, que uniu duas pessoas e é incessantemente abençoado por Deus. O matrimónio é a via da santidade, até mesmo quando se torna o caminho da cruz. As paredes do convento de Stary Sacz, ao qual Santa Kinga deu início e onde concluiu a sua vida, parecem hoje testemunhar como ela apreciava a castidade e a virgindade, vendo justamente nesse estado um dom extraordinário, graças ao qual o homem experimenta dum modo especial a própria liberdade. E desta liberdade interior pode fazer um lugar de encontro com Cristo e o homem no caminho da santidade. Diante deste convento, juntamente com Santa Kinga peço de modo particular a vós, jovens: *defendei a vossa liberdade interior!* Uma falsa vergonha não vos impeça de cultivar a castidade! Os rapazes e as moças, chamados por Cristo a conservar a virgindade durante toda a vida, saibam que este é *um estado privilegiado, através do qual se manifesta do modo mais claro a acção do poder do Espírito Santo*. Há ainda outra característica do espírito de Santa Kinga, unida ao seu desejo de santidade. Como princesa, ela *soube ocupar-se das coisas do Pai também neste mundo*. Ao lado do marido participou no governo, demonstrando firmeza e coragem, generosidade e solicitude pelo bem do país e dos súbditos. Durante as insurreições no Estado, a luta pelo poder num reino dividido em regiões e as devastadoras invasões dos Tártaros, Santa Kinga soube enfrentar as necessidades do momento. Com zelo esforçou-se pela unidade da herança dos Piast e para reconstruir o país das ruínas, não hesitando em doar tudo o que recebera em dote do seu pai. Ao seu nome estão ligadas as minas de sal-gema de Wieliczka e de Bochnia, nos arredores de Cracóvia. Teve em consideração sobretudo as necessidades dos seus súbditos. Confirmam-no as suas antigas biografias, testemunhando que o povo a chamava: «consoladora», «médica», «nutriz», «santa mãe». Tendo renunciado à maternidade natural, tornou-se *verdadeira mãe de muitos*. Cuidou também do desenvolvimento cultural da nação. À sua pessoa e ao convento local está ligado o nascimento de verdadeiros monumentos da literatura, como o primeiro livro escrito em língua polaca: *Zoltarz Dawidów* - Saltério de David. Tudo isto se inscreve na sua santidade. E enquanto hoje perguntamos: como aprender a ser santo e como actuar a santidade, Santa Kinga parece responder: *é preciso ocupar-se das coisas do Senhor neste mundo*. Ela testemunha que a realização dessa tarefa consiste num incessante esforçar-se para conservar a harmonia entre a fé professada e a vida. O mundo de hoje tem necessidade da santidade dos cristãos, que *nas ordinárias condições de vida familiar e profissional assumem os próprios deveres quotidianos*; e, tendo o desejo de cumprir a vontade do Criador e de servir os homens todos os dias, respondem ao seu eterno amor. Isto diz respeito aos vários sectores da vida, tais como a política, a actividade económica, social e legislativa (cf. *Christifideles laici*, 42). Não falem nestes sectores o espírito de serviço, a honestidade, a verdade, a solicitude pelo bem comum, mesmo à custa de uma magnânima abnegação pessoal, a exemplo da Santa Princesa destas terras! Também nestes sectores não falte a sede de santidade, conseguida mediante o serviço prestado com competência, em espírito de amor a Deus e ao próximo!⁶. «*Os Santos não passam*». Enquanto fixamos o olhar na figura de Kinga, surge um

interrogativo essencial: o que a transformou numa figura que, num certo sentido, não passa? O que lhe permitiu sobreviver na memória dos polacos e, de modo particular, na memória da Igreja? Qual é o nome daquela força que resiste à lei inexorável do «tudo passa»? *O nome desta força é o amor*. O Evangelho hodierno, concernente às dez virgens sábias, fala precisamente do amor. Kinga foi decerto uma delas. Como elas, encaminhou-se ao encontro do Esposo divino, vigiou com a lâmpada do amor acesa, para não perder o momento da vinda do Esposo. Como elas, encontrou-O quando Ele estava a chegar e foi convidada a participar no banquete de núpcias. O amor do Esposo divino na vida da Princesa Kinga expressou-se com muitos actos de amor ao próximo. Foi precisamente aquele amor que fez com que o passar, a que está sujeito todo o homem sobre a terra, não cancelasse a sua memória. Após tantos séculos, hoje é a Igreja em terra polaca que o exprime. «*Os Santos vivem dos Santos e têm sede de santidade*». Repito mais uma vez estas palavras aqui, na terra de Sacz. Kinga recebeu-a como dom em troca do dote que destinou ao socorro do país, e *esta terra nunca cessou de ser sua propriedade particular*. Ela cuida sempre do povo fiel que vive aqui. Como não lhe agradecer a protecção sobre as famílias, de maneira especial sobre as inúmeras famílias daqui que contam uma prole numerosa, para as quais olhamos com admiração e respeito? Como não lhe estar grato por ela impetrar para esta comunidade eclesial a graça de vocações sacerdotais e religiosas tão numerosas? Como não lhe estar reconhecido por nos reunir hoje aqui, unindo na comum oração irmãos e irmãs da Hungria, da República Tcheca, da Eslováquia e da Ucrânia, reavivando a tradição da unidade espiritual, que ela mesma formou com tanta dedicação? Repletos de gratidão, louvamos a Deus pelo dom da santidade da Senhora desta terra e pedimos-lhe que o esplendor desta santidade continue em todos nós. No novo milénio, esta magnífica luz irradie sobre todos os confins da terra, a fim de que venham de longe visitar o santo nome de Deus (cf. *Tb 13, 13*) e vejam a sua glória. «*Os Santos não passam*».

Os Santos invocam a santidade.

Santa Kinga, Senhora desta terra, implora para nós a graça da santidade! © Copyright 1999 - Libreria Editrice Vaticana